

**REVISTA DE PSICOLOGIA
NORMAL E PATOLÓGICA**

Editada sob a orientação do
Instituto de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Diretor Responsável: J. B. de Oliveira e Costa Jr.

DIRETOR: Enzo AZZI.

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Enzo AZZI, Anieli MEYER GINSBERG, Maria Fernanda S. F. BEIRÃO e Ana Maria POPPOVIC.

SECRETÁRIO GERAL: R. M. Garcia de ALCARAZ.

Assinatura Anual Brasil — Cr\$ 50,00 Exterior — US\$ 19,00
Número Avulso Brasil — Cr\$ 15,00 Exterior — US\$ 6,50
Número Atrasado Brasil — Cr\$ 18,00 Exterior — US\$ 7,50

Forma de pagamento: vale postal, valor declarado ou cheque pagável em S. Paulo
Distribuidor para o exterior: Marcel Beerens, Rua Debret, 23 — Rio de Janeiro.

—//—

Esta Revista é publicada trimestralmente em fascículos de 100 a 200 páginas.

Trabalhos para publicação, correspondência, livros, revistas para revisão e permutas deverão ser encaminhados ao Dr. Enzo Azzi. Redação: Rua Monte Alegre, 984 (Perdizes) Tel. 65-5151 — São Paulo (Brasil)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

GRÃO-CHANCELER: Cardeal Dom Agnelo Rossi

REITOR MAGNÍFICO: Prof. Dr. Osvaldo Aranha Bandeira de Melo

2.º VICE-REITOR: Mons. Dr. Benedito de Uihôa Vieira

CAPELÃO GERAL DA UNIVERSIDADE: Mons. Dr. Benedito Uihôa Vieira

Biblioteca Madir Gouvêa Kfoury - PUC/SP



**REVISTA DE PSICOLOGIA
NORMAL E PATOLÓGICA**

ANO XV

JULHO-DEZEMBRO DE 1969

N.ºs 3-4

SUMÁRIO

(Contents)

I — ARTIGOS ORIGINAIS (Original Articles)

- MARTUSCELLI BORI, Carolina — Fatores responsáveis pela "evasão" da escola primária: uma pesquisa na cidade de Rio Claro (Factors responsables for "escape" from elementary school: a research undertaken in Rio Claro) 239
- MAURER LANE, Silvia T. — Estudo sobre o significado de objetivos utilizados nas escalas do Diferencial Semântico de C. Osgood (Study about the meaning of the adjectives used in S. D. scales of Osgood). 267
- CARVALHAES BONILHA, Lúcia — A Definição de Palavras por crianças brasileiras de vários níveis sócio-econômico (Word Definition by brazilian children of socio-economic levels). 295
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, Odette — Uma Diferencial Semântica para masculinidade-feminidade (A masculinidade-feminility Sematic Differential) 326
- SAVASTANO, Helena — Perfil emocional através do Teste de Plutchik em pacientes com diferentes nosologias psicossomáticas (Emotional Profile of patients with various psychosomatic diseases through Plutchik's emotional profile index) 364

II — CONFERÊNCIAS — NOTAS — DISCUSSÕES (Lectures, Notes Comments)

- VASCONCELOS, Naumi A (de) — Psicanálise e dialética em Lacan (Psychoanalysis and dialectics in J. Lacan). 537
- AZZI, ENZO — O Ensino da Psicologia Médica e da Psiquiatria na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (Teaching of Medical Psychology and Psychiatry at Medical Science Faculty of Saint House of Saint Paul) 362

III — ESTUDOS RECAPITULATIVOS (Recapitulatory Studies)

- NATALICIO, Luiz F.S. — Ácido lisérgico (Diethylamida) — Seu efeito no funcionamento do sistema nervoso central (The effects of lysergic acid diethylamide on the central nervous system) 371
- GIKOVATE, Flávio — Terapia combinada (abordagem dinâmica e comportamental): considerações sobre um caso de impotência sexual (Therapy combined — dynamic and behavioral: description of a case of sexual impotence). 384

MEIRA, Maria Isis — Surdez e afasia do ponto de vista patológico, sintomatológico e terapêutico (**Deafness and aphasia at a pathologic standpoint, syntomathologic and therapeutic**) 396

IV — ANÁLISES BIBLIOGRÁFICAS (Reviews)

1.º — Análise de livros (Book Reviews)

CLAPARÈDE, Ed. — A Educação Funcional (Rosa Maria Farah).	407
GREIMAS, A.J. — Sémantique Structurale — Recherche de méthode (Ezio Okamura)	409
HEIDBREDER, E. — Psicologias do Século XX (Carmelina Paes de Barros)	411
NUTTIN, J. & GREENWALD, A.G. — Reward and Punishment in Human Learning (Yu Meu Ling)	412
PIAGET, J. — Seis Estudos de Psicologia (Viktor Salis)	413
RUSSELL, B. — A Perspectiva Científica (Josefa M. Trípode e Nichan Dichtchekenian)	417
SAHAKIAN, W.S., ed — Psychology of Personality: Readings in Theory (Pedro O. Barreto Prado)	420

V — CRÔNICAS E DOCUMENTAÇÕES (News)

1.º Do Exterior (Foreign)	422
2.º Do Brasil (Brazil)	428
— O Ensino da Psicologia e da Psiquiatria na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (Enzo Azzi).	..

Colaboraram neste número:

ANGELINI, Hebe R.C. (São Paulo) — AZZI, Enzo (São Paulo) — BARROS, Carmelina P. de (São Paulo) — CARVALHAES BONILHA, Lúcia (São Paulo) — DICHTCHEKENIAN, Nichan (São Paulo) — FARAH, Rosa Maria (São Paulo) — GIKOVATE, Flávio (São Paulo) — GINSBERG, Anielá (São Paulo) — LING, Yu Meu (São Paulo) — LOURENÇÃO VAN KOLCK, Odette (São Paulo) — MARTUSCELLI BORI, Carolina (Rio Claro) — MAURER LANE, Sílvia (São Paulo) — MEIRA, Maria Isis (São Paulo) — NATALICIO, Luis F.S. (São Paulo) — NUNES BRANCO, Josefa Mendes (São Paulo) — OKAMURA, Ezio (São Paulo) — PRADO, Pedro O. Barreto (São Paulo) — SALIS, Viktor (São Paulo) — SAVASTANO, Helena (São Paulo) — VASCONCELOS, Naumi A. de (Louvain, Bélgica).

I — ARTIGOS ORIGINAIS

Fatores Responsáveis pela "Evasão" da Escola Primária. Uma Pesquisa na Cidade de Rio Claro (*)

CAROLINA MARTUSCELLI BORI (**)

Universidade de São Paulo

Este estudo visou pesquisar os fatores que levam os alunos de 7 a 14 anos de idade a abandonarem a escola primária sem terminar o curso. É por isso apresentado como uma análise do

(*) Na pesquisa relatada neste artigo colaboraram as seguintes pessoas a quem desejo agradecer: Licenciados Maria Cecília de Oliveira, Maria Stella Perin, Ellen de Campos Vianna Dória, Gilty Aparecida Ribeiro Villela, Osny Telles Marcondes Machado, Leda Colleti, Mirtes de Santi, José Monteiro Filho, Carlos Roberto Martins, Antonio C. Américo dos Santos, Maria Irene Coladette, Maria Tereza Coladette, Cirvago Antonio Hespanhol, Alceu Marozi Righetto, Maria Lucia Lorenzetti, todos quartanistas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro no ano de 1962 que participaram das várias partes da coleta de dados. A colaboração que deles recebi possibilitou cobrir coleta de dados se encarregaram da seleção das amostras e da organização dos informantes da população.

Em separado, relaciono os nomes dos licenciados Ingo Roberto Köelle, Wilson Jacomini, Berenice Crestana e Dair Airly que além de participarem da coleta de dados se encarregaram da seleção das amostras e da organização do trabalho de campo.

Agradecimentos também são devidos ao Serviço de Estatística do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Professor Queiroz Filho" pela tabulação das informações e construção das tabelas básicas dos questionários da primeira fase da pesquisa. Aos Professores Geraldina Porto Witter e Isaias Pessotti pela colaboração que me deram durante o desenvolvimento das várias etapas do trabalho.

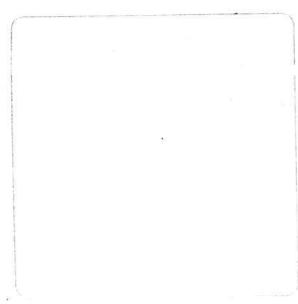
Em especial deixo consignados os meus agradecimentos ao Professor José Furtado Pisani da Cadeira de Estatística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, pelo planejamento das amostras e orientação estatística da pesquisa em geral.

Finalmente agradeço a colaboração prestada pela população entrevistada que possibilitou a realização desta pesquisa. A coleta de dados da pesquisa foi em parte financiada pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais Professor Queiróz Filho dentro do seu projeto de estudo da sede escolar do Município de Rio Claro.

Na época da realização da pesquisa ocupava também o cargo de Professora. Contratada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

(**) Professora da Universidade de S. Paulo.

D
1505
R
1969 J.13
2.3-4
23



problema educacional conhecido sob a denominação geral de **evasão escolar**.

Evasão escolar é uma expressão que aparece com muita frequência nos mais variados comentários sobre o ensino brasileiro em geral e, particularmente, nas referências à escola primária. Nos comentários e referência sobre o assunto é comum se encontrar dados numéricos acompanhados de algumas considerações sobre as possíveis explicações do fato mas quase nada se conhece de mais preciso sobre a extensão e as causas que continuam levando alunos a abandonarem a escola primária antes de concluir o curso.

A primeira dificuldade reside, a meu ver, na própria expressão: **evasão escolar**. Ela implica abandono permanente ou definitivo por parte do aluno matriculado em uma das séries escolares, e não uma simples interrupção do curso durante um certo período de tempo. Embora se possa considerar **evasão** no sentido mais amplo, a ocorrência muito frequente entre nós, do indivíduo que nunca se matriculou e, no entanto, frequenta escola, este sentido não será objeto de consideração nesta pesquisa.

Considerada como abandono, a **evasão** não pode ser aquilatada nas cifras das estatísticas escolares porque estas apresentam apenas a interrupção da inscrição do aluno o que leva a denominar imprópriamente de **evasão** a diferença entre as matrículas de uma série para outra.

Aliás, o próprio abandono precisa ser bem caracterizado, provavelmente, mais corretamente através de critérios bem claros e definidos como faz J. S. CAMARGO PEREIRA⁽¹⁾ ao distinguir "evasão escolar num determinado ano" e "evasão escolar total". A primeira expressão é por esse autor considerada como mais adequada para designar a "diferença entre o número de indivíduos que teriam direito a matricular-se naquele ano e o número de indivíduos que usaram desse direito" enquanto, reserva a segunda para designar a interrupção do curso feita por indivíduos que perdem, por um dispositivo legal, o direito à nova matrícula. Este é, por exemplo, o caso de maiores de 14 anos de idade que, de acordo com a legislação vigente, estão impedidos de continuarem o curso primário nas escolas comuns.

(1) CAMARGO PEREIRA, J. S. Nota de rodapé. In: WEREBE, M. J. G. e WEREBE, S. — **Levantamento do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo**, Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, São Paulo, Monografia n.º 1, 1963, pág. 40-46.

O objetivo de investigar os fatores que levam alunos a abandonar a escola primária colocou de imediato o problema de localizar esses alunos a fim de estudá-los. Considerando que as cifras das estatísticas escolares apresentam apenas a interrupção da inscrição do aluno sem oferecer outras provas de abandono, este meio não foi considerado adequado para localizar os casos a serem estudados. Prefereu realizar um levantamento em todo o município de Rio Claro a fim de conhecer a escolaridade de crianças de 6 a 14 anos da população. Julguei que os elementos fornecidos por este levantamento seriam necessários não só para localizar e caracterizar os casos de abandono da escola primária nessas idades como também para dar significado e mesmo explicar a proporção dos casos assim encontrados.

DESCRIÇÃO DO LEVANTAMENTO DA ESCOLARIDADE E DA NATUREZA DOS SEUS DADOS

O levantamento da escolaridade se fez com base numa amostra da população constituída de famílias⁽²⁾ residentes no município de Rio Claro nas quais houvesse crianças entre 6 a 14 anos de idade. Fixou-se como unidade amostral a residência, entendendo-se por residência toda a edificação que representa uma unidade imobiliária. Para constituir a população usaram-se dados provenientes dos registros de imóveis da Prefeitura Municipal e de contagem no local. Chegou-se assim ao total de 10.820 casas na zona urbana e 1948 casas na zona rural.

O esquema utilizado foi o de amostragem casual simples, sem reposição, obedecendo aos procedimentos descritos no Apêndice 1. Na zona urbana, nos 3000 endereços sorteados foram encontradas 865 famílias com crianças entre 6 e 14 anos de idade e na zona rural entre as 500 casas sorteadas, foram encontradas 162 famílias com um de seus filhos dessa faixa etária.

A escolaridade das crianças da faixa de idade fixada nessa amostra foi investigada através de um questionário respondido por um dos pais, durante uma visita domiciliar feita por um entrevistador. De acordo com os dados obtidos são as seguintes as características das famílias entrevistadas.

(2) Entendeu-se por família um grupo de duas ou mais pessoas que moram no mesmo domicílio.

Na **zona urbana do município**, das 865 famílias entrevistadas 77,60 por cento são famílias compostas de espôso, espôsa e filhos; 6,80 por cento, além desses membros têm um ou mais dos pais dos esposos; 7,90 por cento, além dos membros do tipo mais frequente têm outros parentes vivendo no domicílio; 3,60 por cento das famílias são constituídas de um viúvo ou viúva vivendo com os filhos solteiros; e as demais apresentam uma composição mais complexa incluindo mesmo uma combinação dos tipos já apontados.

O tamanho médio dessas famílias é de 5,6 membros. Verificou-se que o tamanho, como é comum, é inversamente relacionado ao nível sócio-econômico. Em média cada casal tem 3,4 filhos o que corresponde a uma fertilidade comum em áreas urbanas.

A Tabela I mostra a distribuição dessas famílias de acordo com a categoria de **status** do espôso. Na atribuição da categoria de **status** usei exclusivamente o critério de prestígio da ocupação com base na hierarquia de seis categorias de status descritas por B. HUTCHINSON⁽³⁾.

TABELA I
STATUS SOCIAL DOS CHEFES DAS FAMILIAS
ENTREVISTADAS NAS ZONAS RURAL E URBANA

Categoria de status do pai	Zona Urbana	Zona Rural
1 e 2	3,97	0,60
3 e 4	26,82	15,44
5 e 6	60,11	80,86

NOTA: A diferença na percentagem na zona urbana, de 9,10 por cento, é constituída por pais aposentados ou falecidos. Na zona rural a diferença na percentagem de 3,10 por cento é de pai desempregado, e são apontadas por laços de sangue, de casamento ou de adoção. (**)

Neste particular, como nos referentes ao tamanho médio da família e fertilidade, os dados repetem as percentagens apre-

(**) Hutchison, B. **Mobilidade e Trabalho. Um estudo da cidade de São Paulo.** Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1961, cap. II.

(3) HUTCHINSON, B. — **Estudo de Migração Interna,** Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (datilografado), Rio de Janeiro.

sentadas no estudo realizado por B. HUTCHINSON⁽⁴⁾ em várias cidades do centro sul. Esses dados indicam que a zona urbana de Rio Claro apresenta características encontradas em cidades pequenas.

Essa descrição geral das famílias da zona urbana entrevistada se completa com os dados particulares sobre os esposos. No tocante à nacionalidade a grande maioria dos casais (94,45 por cento) é formada por espôso e espôsa de nacionalidade brasileira. Portanto, pequeno é o número de famílias onde um dos cônjuges é estrangeiro. Neste último caso, em geral, o estrangeiro é o pai. A percentagem de casal estrangeiro é desprezível (menos de um por cento).

Considerando a naturalidade se verifica que 34,22 por cento dos casais são formados por pessoas nascidas na cidade e 40,50 por cento dos casais nos quais tanto o espôso quanto espôsa são migrantes. Pequeno é o número de casais formados por espôso da cidade e espôsa migrante (9,25 por cento) ou por espôsa da cidade e espôso migrante (10,75 por cento).

A Tabela II apresenta uma comparação, em percentagem, entre os esposos quanto ao grau de instrução. O nível de instrução alcançado pelos dois cônjuges não ultrapassa em geral, do primário e, mesmo nesse nível, apreciável proporção não chegou a terminar o curso. Somados aos analfabetos e àqueles que declararam ser um pouco, estes formam quase metade dos casos da amostra.

TABELA II
GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CONJUGES DAS FAMILIAS
DA ZONA URBANA

Grau de Instrução	Espôso	Espôsa
1. Primário Incompleto	26,01	30,40
2. Primário Completo (*)	38,03	35,80
3. Secundário Incompleto	5,20	3,70
4. Secundário Completo	7,20	7,90
5. Superior Incompleto	0,30	0,30
6. Superior Completo	1,10	0,20
7. Analfabeto	12,83	17,60
8. Saber lê pouco	5,43	4,10

(*) A percentagem da primeira coluna não é completa devido a ausência de informações em alguns casos.

(4) Foi considerado completo o curso primário de quatro séries.

Comparando a escolaridade dos esposos nota-se uma diferença significativa quanto ao grau primário incompleto e ao analfabetismo. Nos dois aspectos as espôsas apresentam percentagens maiores do que os esposos, isto é, relativamente maior número delas não terminou o primário ou não recebeu nenhuma instrução. Diferença significativa se verifica também quando se compara a percentagem de esposos e espôsas que fizeram outros cursos extras. O número de espôsas que fez esses cursos é menor do que o de esposos. Entre os esposos 21,73 por cento fez algum curso extra e entre as espôsas essa percentagem alcança 17,10 por cento⁽⁵⁾.

Das 162 famílias entrevistadas na **zona rural do município** 82,10 por cento é composta de esposos e filhos e as demais (17,90 por cento) têm, além desses membros outros parentes. Em alguns casos pais de esposos. O tamanho médio dessas famílias é de 6,7 pessoas. Em média os casais dessa amostra têm 4,8 filhos. Tamanho e fertilidade nessas famílias diferem significativamente dos apresentados pelas famílias da zona urbana pesquisada.

A distribuição dessas famílias de acordo com a categoria de **status** já apresentada na Tabela I reproduz uma situação encontrada em zona rural. É flagrante a diferença da composição das duas amostras ao se comparar a distribuição percentual das várias categorias de status das zonas urbana e rural. Na zona urbana, apesar da super-representação de famílias das categorias 5 e 6, a amostra inclui as demais categorias.

O mesmo não se verifica na zona rural onde esta super-representação é bastante aumentada e a percentagem de famílias nas categorias de **status** 1 e 2 é quase nula.

A grande maioria das famílias (98,27 por cento) é constituída por esposos de nacionalidade brasileira. Em 50,61 por cento dos casais ambos os cônjuges são naturais da localidade; em 27,16 por cento ambos são imigrantes; as demais são famílias constituídas por um dos esposos que vêm de fora (em 17,72 por cento dos casais a espôsa é imigrante e, em 8,02 por cento, o espôso é migrante).

(5) Os cursos extras foram de mecânico, eletricista, datilografia (esposos) e corte e costura e bordado (espôsas).

TABELA III
GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CÔNJUGES DAS FAMÍLIAS DA ZONA RURAL

Grau de Instrução	Espôso	Espôsa
1. Primário Incompleto	36,42	36,42
2. Primário Completo	14,81	14,81
3. Secundário Incompleto	—	—
4. Secundário Completo	—	—
5. Superior Incompleto	—	—
6. Superior Completo	—	—
7. Analfabeto	34,00	44,44
8. Sabe ler pouco	14,20	3,17

NOTA — As percentagens não são completas por falta de informação em alguns casos.

Não se verificou diferença entre a escolaridade do espôso e da espôsa, metade deles alcançou o nível primário incluindo os 36,42 por cento que não chegou a completar esse nível de ensino. A outra metade é constituída por espôsos e espôsas que na sua grande maioria são analfabetos. Maior proporção de analfabetos se encontra entre as espôsas enquanto que entre os esposos está o maior número daqueles que afirmaram saber ler sem nunca ter frequentado a escola. Apenas 4,32 por cento dos esposos e 4,93 por cento das espôsas realizaram outros cursos⁽⁶⁾.

Confrontando as tabelas II e III podemos caracterizar a escolaridade dos esposos das amostras notando: a) que em geral entre esposos da zona urbana existe uma percentagem significativamente maior dos que tiveram alguma escolaridade primária; b) maior também é a percentagem daqueles que concluíram o curso primário; c) a quase totalidade de ausência de esposos com escolaridade de nível secundário na zona rural embora pouco mais de dez por cento dos da zona urbana também tenham ultrapassado esse nível; d) significativa é a diferença na percentagem de analfabetos no sentido de um contingente maior de esposos da zona rural ser analfabeto; e) na zona rural é maior

(6) No primeiro caso os cursos feitos de técnico de rádio e eletricista, desenho e relojoaria (por correspondência) e no segundo, na sua quase totalidade, o de corte e costura.

a percentagem de esposos que declaram saber ler um pouco sem ter frequentado escola.

Além das perguntas que forneceram êsses dados de caracterização geral das famílias entrevistadas o questionário incluiu uma série de questões sobre a escolaridade de cada um dos filhos de 6 a 14 anos. A entrevista se encerrava, na ocasião, com uma pergunta sobre os assuntos de escola comentados na família. A fim de se evitar a simples enumeração que comumente acompanha essa questão adotou-se a técnica do "incidente crítico" (7) pedindo ao informante para dizer o que se comentou, na última vez que se falou sobre a escola dos filhos, em sua casa. Apenas 9,25 por cento dos informantes da zona urbana responderam que não discutiam assunto de escola em casa, sendo, portanto, comum o assunto na grande maioria das famílias. Entre os mais freqüentes assuntos estão aqueles relativos à escola e aos próprios filhos (71,92 por cento dentre todos os demais) na sua maioria "Lição de Casa" e bom rendimento escolar. Além desses foram mencionados os relativos a professoras (8,10 por cento); relativas a dificuldades econômicas para continuar os estudos (7,86 por cento); poucas vezes foram mencionados assuntos relativos às condições da escola e à clientela da escola.

Nas famílias da zona rural os assuntos de escola deixam de ser comentados em 12,31 por cento delas e quando são falados incluem aqueles relativos aos filhos que estão na escola em 49,26 por cento dos casos. Também aqui fala-se mais sobre rendimento escolar e "lição de casa", sem deixar de incluir baixo rendimento escolar. É significativamente maior do que nas famílias da zona urbana a percentagem de discussões sobre assuntos relativos às condições da escola (21,67 por cento) incluindo referências à sua localização e a ausência de 4.ª série primária. Assuntos relativos a professoras (em geral comentários desfavoráveis) aparecem entre o que se comenta nessas famílias (7,88 por cento) e relativos às dificuldades econômicas para frequentar ou continuar os estudos (5,41 por cento).

ESCOLARIDADE DE CRIANÇAS DE 6 A 14 ANOS DE IDADE DA AMOSTRA DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO

Considerando separadamente as zonas urbana e rural do município verificou-se que a amostra inclui na primeira um to-

(7) Descrição mais ampla da técnica; ver KÖELLE, t. R. e W. JACOMINI, O elogio no comportamento da criança. *Boletim de Psicologia* (Sociedade de Psicologia de São Paulo), 1963, 45.

tal de 1619 filhos de idade entre 6 a 14 anos e na segunda um total de 389 filhos dessas idades. Na zona urbana êsse total representa 58,89 por cento do total de filhos enquanto na zona rural o número de filhos nessa faixa etária é de 49,35 por cento.

Na **zona urbana do município** 46,63 por cento das crianças são do sexo masculino e 53,37 por cento do feminino. Nesse grupo de crianças de idade escolar encontram-se 13,23 por cento que nunca frequentou escola. Embora a maioria seja de crianças de 6 anos de idade, 37,85 por cento das que nunca frequentaram escola têm 7 anos de idade ou mais. Nesse grupo há uma ligeira predominância de crianças do sexo feminino (54,20 por cento das que nunca frequentou escola são meninas). Por outro lado é mínimo o número de crianças de 6 a 7 anos que haviam terminado ou abandonado o curso pré-primário enquanto somente 2,84 por cento está cursando o pré-primário.

Quanto à frequência à escola verifica-se que 58,08 por cento do grupo está fazendo o curso primário e 7,38 por cento terminou o primário. A média da idade das crianças que frequentam a escola primária é de 9,39 anos. Essa percentagem tem um significado especial se se acrescentar que cada um dos nove sub-grupos de idade abrangidos na faixa etária estão representados aproximadamente pelo mesmo número de casos. A média de idade das crianças que terminaram o curso primário é de 13,26 anos.

Além dessas percentagens é preciso mencionar que 5,50 por cento das crianças estão cursando a quinta série e que 9,20 por cento delas estão cursando o ginásio. Somente duas crianças da amostra haviam terminado o ginásio. De modo geral, 15,13 por cento das crianças ultrapassou o nível primário.

Analisando o grupo **quanto à escolaridade de nível primário** pode-se resumir dizendo que na zona urbana do município 13,23 por cento das crianças nunca frequentou escola, 63,46 por cento está cursando ou terminou o curso primário e que 4,75 por cento **abandonou** o curso primário. Em todos êsses casos os dois sexos estão igualmente representados. As crianças de idade entre 7 e 14 anos que não havia terminado o curso primário e que não estavam matriculadas na época da pesquisa compõe esta última percentagem. Convém assinalar que 67,53 por cento delas têm idade que varia entre 12 e 14 anos. Aliás, é muito significativo destacar o grau de escolaridade dos sujeitos de 14 anos da amostra e verificar que: 10,44 por cento deles está cursando o primário; 30,76 por cento terminou o primário; 40,65

por cento está em escola e já ultrapassou o primário e 12,61 por cento abandonou o curso primário sem terminá-lo.

A fim de completar a descrição da escolaridade dessas crianças da amostra da população da zona urbana do município é interessante assinalar as relações entre a idade com que a criança iniciou o primário e o estágio em que se encontra a maioria das que estão cursando o primário e começou esse curso com 7 anos de idade e a maioria que o terminou, bem como a maioria que o abandonou, o iniciou com 7,5 anos de idade.

Das 389 crianças encontradas na amostra da **zona rural do município** na faixa etária que interessa à pesquisa, 53,98 por cento são do sexo masculino e 46,01 por cento do feminino. Verifica-se que 21,07 por cento dessas crianças nunca frequentou escola. Essa percentagem é constituída por 45,12 por cento de crianças de 6 anos de idade e o restante por crianças de 7 ou mais anos de idade. Na realidade 51,11 por cento das crianças de 7 anos de idade não têm nenhuma escolaridade.

Dentre as crianças que têm alguma escolaridade: 46,52 por cento está cursando o primário e 12,08 por cento já terminou esse curso. A média de idade das que estão cursando o primário é de 9,55 anos e a das que terminaram de 12,95 anos. Apenas cerca de um por cento na quinta série primária está cursando o ginásio.

Verifica-se portanto que 18,50 por cento das crianças na faixa etária de 6 a 14 anos **abandonou** a escola. A maior percentagem das que abandonaram a escola primária (71,61 por cento) é constituída por crianças de idade entre 12 e 14 anos. Nos dados referentes aos sujeitos de 18 anos nota-se que 45,45 por cento deles abandonaram o curso primário e apenas 38,63 por cento deles terminou esse curso.

Embora a percentagem das crianças que estão cursando o primário acuse uma ligeira supremacia do sexo masculino não se verifica diferenças entre os sexos quando se considera percentagens relativas. O mesmo ocorre no grupo que abandonou a escola.

A composição dos grupos de crianças de idade entre 6 e 14 anos das zonas urbana e rural do município é proporcionalmente quase igual em relação ao número de filho das amostras de famílias mas apresentam uma ligeira diferença quanto ao sexo. Os meninos são mais frequentes no grupo de crianças da zona rural do que as meninas. Na zona urbana ocorre o inverso.

Essa diferença, no entanto, se anula nas percentagens analisadas e praticamente não se observa diferenças significantes com base na variável sexo.

Quanto à escolaridade notamos, na comparação, os seguintes aspectos que parecem ter alguma importância para o objetivo da pesquisa:

1. Embora a diferença entre as percentagens de crianças que nunca frequentou escola não seja significativa (13,23 por cento na zona urbana e 21,07 por cento na zona rural). É importante notar que em ambos os casos o número de crianças de 7 anos e mais que concorre para essa percentagem é alto.

2. Como era de se esperar com base em informações várias, enquanto a percentagem de crianças da zona urbana que frequenta escola primária, digo pré-primária é insignificante a da zona rural é nula.

3. É ligeiramente maior a percentagem de crianças que na zona urbana comparada com a da zona rural, que frequentam a escola primária. Não há porém diferença na média de idade das crianças dos dois grupos — pouco mais de 9 anos de idade em média. Em ambos os casos essas crianças iniciaram o curso primário com 7,5 anos em média.

4. Verifica-se uma diferença significativa entre as percentagens dos que terminam o curso primário na zona urbana e na zona rural apesar do critério escolhido ter sido o de considerar completo o curso primário de quatro séries. No entanto, essa diferença deixa de ter sentido se se acrescentar que na zona urbana há uma percentagem relativamente apreciável de sujeitos que estão cursando a quinta série e o ginásio enquanto na zona rural essa percentagem é mínima.

5. As diferenças entre as percentagens de crianças da zona urbana (4,75 por cento) e da zona rural (18,50 por cento) que abandonaram a escola sem completar o curso primário é significativa.

6. Por fim, se se observa a idade de 14 anos em separado às diferenças entre os dados de escolaridade das crianças das duas zonas do município se acentuam. Os dados percentuais da Tabela IV mostram que a escolaridade desse grupo de idade é bem mais baixa na zona rural e que é acentuado o número dos que abandonam a escola primária sem completar o curso.

TABELA IV

ESCOLARIDADE DOS SUJEITOS DE 14 ANOS DA AMOSTRA

	Zona Urbana	Zona Rural
— Cursando o primário	18,44	0,51
— Primário Completo	30,76	38,63
— Cursando secundário e quinta série	40,65	1,02
— Abandonou a escola	12,61	45,45
— Número de sujeitos	182	44
— Percentagem da amostra	11,24	11,05

II

Através do levantamento da escolaridade das crianças de idade entre 6 e 14 anos feito nas zonas urbana e rural do município foi localizado um grupo de meninos e meninas que haviam abandonado a escola primária. À partir desse ponto a pesquisa focalizou esse grupo de crianças das zonas rural e urbana com o intuito de conhecer quais os fatores que as levavam a abandonar a escola antes de completar o curso primário.

A análise da escolaridade desse grupo mostrou, no entanto que na coluna relativa aos casos de abandono se encontravam crianças que estavam **afastadas** da escola, isto é, crianças que não haviam concluído o curso primário e que naquele ano não haviam se matriculado em nenhuma escola e, outras que também não haviam concluído o curso primário e que há dois anos ou mais não se matriculam numa escola. A estas últimas se reservou a denominação de crianças **evadidas**.

Na segunda etapa da pesquisa, ao lado desse grupo de crianças que abandonou a escola primária, agora subdividido em crianças que se afastaram e que se evadiram, resolveu-se incluir todas as crianças de 8 a 14 anos que **nunca haviam frequentado escola**.

Portanto, todas as famílias da amostra que apresentavam caso de filho que havia se evadido ou se afastado da escola e de filho que nunca frequentou escola primária foram novamente visitadas. Durante essa visita procurou-se esclarecer a situação responsável pelo abandono da escola ou pelo fato da criança

nunca ter frequentado escola através de uma entrevista com um dos pais. Não houve no planejamento uma decisão ao sentido de preferir um dos pais, pois, se considerou mais importante manter um bom contacto entre entrevistado e entrevistador desde que esta era a segunda vez, no mínimo, que alguém da família era informante para a pesquisa. Parte das entrevistas foram feitas com a mãe e parte com o pai. Em muitos casos ambos estavam presentes.

A entrevista obedeceu a um roteiro e abrangeu: a) uma rápida história da família; b) a história da vida da criança que havia abandonado a escola ou nunca a havia frequentado; c) o histórico da vida escolar das crianças da família com especial referência aos casos de abandono da escola; d) perguntas sobre relações da família com a escola; e) expectativas em relação à escola e preocupações com o estudo futuro; f) os fatos que culminaram com o afastamento da criança da escola ou o por que nunca frequentou escola; g) atividades que a criança desempenha.

A fim de ampliar o estudo dos fatores que poderiam ter causado o abandono da escola e o nunca tê-la frequentado procurou-se investigar a existência de desajustamentos na criança por meio de uma prova psicológica. A técnica do desenho da figura humana desenvolvida por Karen MACHOVER⁽⁸⁾, foi considerada suficiente para estudar essa categoria de fatores que se relacionam mais propriamente com o desenvolvimento da criança.

O trabalho de campo desta segunda fase da pesquisa foi realizado no início do ano escolar seguinte ao qual se realizou o da primeira fase. Esse fato propiciou verificar em que casas os critérios adotados para essa população escolar se mantinham.

Vinte casas de crianças (todas de 8 a 14 anos de idade estudo feito) da **zona urbana** do município que **nunca haviam frequentado** escola constituiu um dos sub-grupos estudados. Desde que apenas cinquenta por cento das crianças de 7 anos de idade da amostra da população não frequentavam escola primária foi decidido não incluir essa faixa de idade no sub-grupo dos que nunca frequentavam escola. Dez das crianças desse sub-grupo têm 8 anos de idade, e as outras, idades variando entre 9 e 14 anos; 70,00 por cento delas são do sexo feminino.

(8) MACHOVER, K., *Personality Projection the Drawing of the Human Figure*, Springfield Illinois, Charles C. Thomas, 1949.

A entrevista com os pais mostrou que:

1. A maioria das crianças de 8 anos (mais precisamente 7 delas) está sendo matriculada na escola primária neste ano. Em geral, a explicação apresentada pelos pais para essa matrícula tardia foi a de que a criança é "muito fraca", "é muito nova", "é pouco desenvolvida para a idade" e não raro doentia. Essa "explicação" pôde ser verificada pelo entrevistador no contato que manteve com a criança ao submetê-la à prova psicológica que constatou serem realmente crianças franzinas. Foi também corroborada pelos resultados da análise dos desenhos da figura humana⁽⁹⁾. A prova mostrou que em geral essas crianças são imaturas e não raro apresentam certa deficiência mental.

2. Cinco crianças (as mais de 10 anos de idade) nunca haviam frequentado escola por serem débeis mentais.

3. Ao lado desses dois fatores mencionados acima — desenvolvimento retardado por doença (em geral a queixa é anemia) e debilidade mental — outras não menos importantes estão presentes nos casos mencionados nos itens 1 e nos do item 2 (no que foi pertinente) bem como em tôdos os outros casos entrevistados nesse sub-grupo. São fatores que se referem à família da criança. Os pais dessas crianças têm em média 42 anos de idade, moram em zona urbana há mais de 10 anos pelo menos. O tipo dominante é o da família formada por pai, mãe e filhos embora seja importante considerar que não raro o pai ou a mãe são doentes e vivem períodos de tempo hospitalizados. A categoria de **status** do pai é a 6 para todo o grupo. O grau de instrução dos pais é baixíssimo. Um único caso onde o pai fez o curso primário completo, alguns têm pouco mais de um ano de escolaridade. Portanto, a maioria dos pais é analfabeta.

Nessas famílias o interesse demonstrado pela instrução não é muito grande e o contato que mantém com a escola e os professores é mínimo, se restringindo quando ocorre a matrícula de outros filhos. "Eles não vão à escola de nenhum jeito, eu insisti, mas não tem jeito mesmo" (mãe que tem um filho de

(9) A professora Nilce PINHEIRO MEJLAS fez a análise e interpretação de todos os desenhos obtidos das crianças entrevistadas. Essa colaboração que muito agradeço tornou possível utilizar o recurso de confrontar interpretações feitas por duas pessoas o que sempre concorre, para diminuir a margem de erro na análise de uma prova projetiva. Nos aspectos relevantes para este estudo não houve discrepâncias significativas entre a interpretação dos desenhos feita pela professora Mejias e a que eu fiz.

10 anos que nunca frequentou e outro que se evadiu da escola); "ir muito cedo à escola é ruim"; "fiz matrícula, fui um dia, e não quis mais voltar". São frases entre outras que revelam como são considerados alguns dos problemas de instrução dos filhos. Em metade dessas famílias foram notados outros filhos com baixo rendimento escolar, afastados da escola e mesmo evadidos.

As entrevistas com os pais das crianças da zona urbana cujo questionário indicava que haviam **abandonado** a escola primária antes de terminá-la somaram sessenta e duas⁽¹⁰⁾. Dezesesseis desses casos (25,80 por cento) de acôrdo com os critérios adotados, foram considerados casos de afastamento da escola e quarenta e seis casos de evasão escolar (74,20 por cento).

Quando essa segunda entrevista com a família foi realizada verificou-se que 62,50 por cento das crianças afastadas haviam sido matriculadas novamente na escola para continuarem o curso primário demonstrando que a denominação adotada para os casos de crianças que não frequentavam escola no ano em que se colheu os dados sobre escolaridade da população era adequada, pelo menos para a zona urbana.

A média de idade das crianças desse sub-grupo composto de 50,00 por cento de meninas é de 10,50 anos de idade. Com raras exceções residem com o pai, mãe e irmãos. A categoria de status do pai é 5 ou 6 e o grau de instrução dos pais varia entre curso primário completo e curso primário incompleto (mais frequentemente a mãe). Os pais insistiram em mostrar que tinham interesse que os filhos retornassem à escola e obtivessem o diploma do curso primário. Pela percentagem dos que retornaram à escola no ano seguinte ao afastamento êsse interesse e empenho demonstrados aparecem como genuínos. Um ou outro apenas considerou que só o diploma de curso primário era insuficiente e que preferia ver o filho numa escola industrial ou comercial.

Com base no desempenho que essas crianças vinham apresentando na escola essa aspiração dos pais é muito alta. Pouca obtinham boas notas no ano em que se afastaram e a maio-

(10) Sete casas incluídas se referem a crianças cujas famílias mudaram de enderêço e não foram localizadas na segunda entrevista. Outras oito casas que deixam de ser computadas separadamente se referem a famílias que registraram pelo menos 2 casos de abandono da escola (6 são casos de afastamento e 2 de evasão).

ria delas havia repetido uma série escolar. A reprovação constituiu, em alguns casos, o motivo do afastamento da escola. Outros motivos apresentados para o afastamento, em ordem de frequência, foram: doença (anemia, tumor, febre); escola longe da residência; "na roça não havia 4.º ano"; mudanças contínuas da família em consequência de mudança de emprego do chefe.

Na prova psicológica verificou-se que algumas dessas crianças apresentam problemas de desajustamento acompanhados de ansiedade e depressão e que também somente algumas têm um desenvolvimento intelectual deficitário. Portanto, verificou-se que a maioria dessas crianças não apresenta problema emocional e mostraram no desempenho da prova, nível normal de desenvolvimento intelectual. As crianças que continuam afastadas da escola têm em geral uma ocupação remunerada ou ajudam no serviço doméstico.

Em muitos aspectos o sub-grupo formado pelas crianças da zona urbana do município que se **evadiram** da escola primária é diferente dos dois sub-grupos da amostra da população da cidade de Rio Claro caracterizados acima.

Somente num dos casos (o de uma menina de 12 anos de idade) verificou-se retorno à escola na época da segunda entrevista com a família. Em todos os outros casos a situação de abandono foi mantida demonstrando que não se incorreu em erro ao se tomar como critério de evasão escolar um afastamento da escola de dois ou mais anos de duração. A idade média dessas crianças é de 11,97 anos fato que por si só coloca toda uma série de problemas para um retorno aos bancos escolares. Há uma predominância de crianças do sexo feminino (69,30 por cento) em relação às do sexo masculino entre as evadidas.

Cerca de cinquenta e oito por cento das famílias que registram caso de abandono, digo evasão escolar são constituídas por pai, mãe e filhos. Em algumas, além desses membros, convivem na mesma casa nora, ou genro e netos. Em quase quarenta por cento dos casos só um dos cônjuges reside na casa (em geral a mãe). O outro espôso faleceu ou o que é mais frequente, abandonou o cônjuge e os filhos. Além da série de problemas econômicos que cria para os membros da família a ausência de um dos esposos contribui para acentuar desajustamentos emocionais vários na criança. Desarmonia conjugal e mesmo violência constam da história e da experiência vivida nesses lares. Oito das crianças evadidas vivem em casa de avó.

A idade média dos pais das crianças desse sub-grupo é de 45,34 anos (pai) e de 41,28 anos (mãe). Com exceção de dez pais que têm curso primário completo o nível de instrução dos demais é baixíssimo: 50,00 por cento dos pais e 34,21 por cento das mães têm alguns anos de escolaridade, ou, em outras palavras, o curso primário incompleto. A maioria das mães e apreciável proporção dos pais dos evadidos são analfabetos. Muitas dessas famílias provêm da zona rural e apresentam uma longa história de mobilidade geográfica resultante da constante procura de emprego por parte de um dos seus membros. A maioria dos pais ocupam a categoria de **status 6** e cerca de dez por cento a categoria 5.

"Nós gostava que os meninos e a menina fôsse p'ra escola. Os meninos saíram pra trabalhar. Mas pessoa sem estudo quase que é ruim"; "Ficar sem escola vai fazer muita falta porque faz falta p'ra nós também. Crianças sem estudo é ruim"; "Mais adiante quem não estuda sofre. O que não estudar precisa se sujeitar a qualquer serviço pesado"; "Até hoje não entraram na escola. Não gostam de ir. Não querem ir"; "Filho de pobre não é preciso estudar principalmente em se tratando de mulher"; "Até o 3.º ano está bom". São algumas das frases ouvidas durante a entrevista e que bem refletem as opiniões e os interesses sobre a instrução dos filhos dessas famílias. Em 44,73 por cento desses lares foi registrada a presença de filhos maiores que não haviam completado o curso primário e outros filhos de idade variando entre 7 e 14 anos evadidos, afastados ou que nunca haviam frequentado escola. Aparentemente o interesse que demonstra é insuficiente para ultrapassar os outros fatores que têm sem dúvida prioridade na vida dessas pessoas. Foram muito poucos os pais que expressaram achar necessário que o filho ou a filha termine o curso primário. O contato que mantém com a escola (em geral mãe ou avó) se resume quando muito na matrícula e com uma única exceção não concedem digo, conhecem ou conversaram com a professora dos filhos. Esse dado não está diretamente relacionado com a maior ou menor interesse que tem pela instrução dos filhos. A ausência de contato com a escola deriva das condições econômicas difíceis em que vivem, o trabalho diário que lhes toma todo o tempo e também a distância social que existe entre essas famílias e os responsáveis pelo ensino na escola — professores e diretores.

A história de vida escolar da criança evadida é uma história de dificuldades constantes onde somente 2,00 por cento delas apresenta bom rendimento. Uma, duas e até três reprova-

ções são comuns nesse sub-grupo estudado. A análise dos resultados da prova psicológica mostra claramente que ao lado dos fatores mais propriamente relacionados com o lar onde vivem essas crianças e os relacionados com a escola ou escolas que frequentaram existem outros sob a forma de deficiências generalizadas. Cerca de trinta e seis por cento dos evadidos apresentam desenvolvimento intelectual abaixo da média incluindo vários casos de débeis mentais. Essas crianças só poderiam aprender em classes de ensino especializado. Quer nesses casos de deficiência mental quer nos que apresentam desenvolvimento intelectual médio os resultados da prova psicológica não raro acusam a presença de uma multiplicidade de problemas de personalidade caracterizando alguns casos patológicos que necessitariam de assistência psiquiátrica, outros de agressividade mais ou menos acentuada, ansiedade, dificuldades de contato com pessoas e o mundo exterior, imaturidade, depressão, e problemas sexuais mais ou menos sérios derivados da imaturidade ou de um desenvolvimento precoce nessa área de experiência.

Esses resultados repetem com outras palavras uma queixa muito generalizada dos responsáveis pelos evadidos: a criança é muito difícil de controlar, é desobediente, briguenta e não gosta da escola.

Combinando o desajustamento na escola com a dificuldade que têm os pais ou responsáveis por essas crianças verifica-se que cerca de trinta e cinco por cento delas se evadem quando decidem que não querem mais ir à escola. "Se eu (mãe) fôsse esforçá ela de fazer contra a vontade ela talvez saísse de casa e não ia para a escola, ficando por aí na rua. Então era melhor que ficasse em casa"; "Atoa, não tem vontade não quiz ir mais; deixou porque quiz e ninguém brigou"; "Ela não foi mais porque não gostava, já era mocinha e amigas falavam" — são algumas das frases que expressam como as dificuldades escolares⁽¹¹⁾ se transformam em desinterêsse pela escola. Aos pais ou responsáveis nesses casos só sobrava a alternativa de concordar mais cedo ou mais tarde com a decisão da criança de não mais ir à escola.

Motivo igualmente frequente para a evasão escolar é o de que a criança precisa trabalhar para auxiliar o orçamento da família. Em geral o pai é quem decide a saída da escola nesses casos. Esse é o motivo que levou aquelas poucas crianças que apresentavam bom rendimento escolar a que se fêz referência em parágrafo acima a se evadirem da escola.

Outros motivos apresentados para explicar por que a criança deixou a escola na ordem de frequência: doença (anemia, ataques epiléticos, visual, mudez, deficiência, distúrbios da linguagem falada (em muitos desses casos de doença, a professora solicitou aos pais retirar a criança da escola); vergonha por ter repetido; despesas com a criança na escola; moravam longe da escola e não tinham companheiro para a longa caminhada; foi afastada por doença e depois não quis mais voltar; recusada na escola por indisciplina.

Sem obrigação de estudar mais de metade (53,63 por cento) dessas crianças exerce uma atividade remunerada: empregada doméstica as meninas; serventes de pedreiro, cobrador de ônibus, operário, ajudante de oficina de pintura os meninos. Poucos dos que não trabalham fora ajudam nos afazeres domésticos. Os demais se não estão doentes não têm nenhuma atividade definida.

Nesta segunda fase da pesquisa na zona rural do município foram considerados dezessete casos de crianças de idade entre 8 e 14 anos que **nunca frequentaram** escola primária⁽¹²⁾ e sessenta e cinco que pela primeira entrevista haviam sido considerados casos de **abandono** da escola⁽¹³⁾.

A idade média das crianças que nunca frequentaram escola nessa zona é de 9,4 anos. Meninos e meninas têm mais ou menos a mesma distribuição nesse sub-grupo. Cerca de oitenta por cento dessas crianças vivem com o pai, mãe e outros irmãos e as demais são órfãos de mãe e vivem com pai e irmãos. A categoria de **status** do pai é 6 com uma única exceção cujo **status** é 4. A maioria dos pais é analfabeta. Somente quatro têm curso primário completo. Mais de cinquenta por cento dessas famílias tem outro filho ou filha de 8 a 14 anos que abandonou a escola primária ou nunca frequentou escola. Em geral os pais entrevistados demonstraram ter interêsse pela instru-

(11) Não são poucas as crianças que deixam de frequentar nas vésperas do exame final. Outras fazem várias tentativas antes de abandonar definitivamente a escola: entram, saem, retornam não chegando a permanecer nem um semestre letivo em cada uma das vezes.

(12) Dos vinte casos da amostra foram localizados dezessete para a segunda entrevista. Os demais haviam mudado de endereço. Sete dos casos provêm de família com outros filhos que abandonaram a escola antes de terminar o curso primário.

(13) Por motivo de mudança não foi possível localizar os outros sete casos de crianças que abandonaram a escola primária antes de terminá-la.

ção dos filhos mas como sempre moraram em zona rural e trabalharam muito na roça ou em casa não têm ocasião e nem tempo para manter contato com a escola e os professores.

O motivo mais frequente apontado para o fato do filho ou filha não estar cursando o primário é a ausência de escola nas proximidades da moradia. (A distância de vários quilômetros entre a casa e a escola mais próxima é realmente uma barreira). Esse motivo no caso da menina se mescla com a necessidade de ajudar a mãe nos serviços de casa para que esta possa trabalhar na roça. Outros motivos apontados: doença (paralisia infantil, dificuldades visuais), criança se recusa ir à escola porque têm que morar com alguém na cidade, e, portanto deixar os pais.

Os resultados da análise da prova psicológica mostra a existência de problemas graves em três casos estudados com a exceção de uma menina que não tem coordenação motora suficiente para desenhar. Insegurança, ansiedade, imaturidade são alguns dos aspectos dos desajustamentos dessas crianças com problemas que por tudo isto também se caracterizam por um baixo nível de desenvolvimento intelectual. São crianças que estão a exigir orientação e atendimento e só poderiam aprender numa escola especializada.

Portanto, a grande maioria desse sub-grupo não apresenta na prova psicológica aplicadas problemas de personalidade. Com exceção dos doentes a maioria dos meninos trabalha na roça ajudando os pais e as meninas trabalham em casa.

Aplicando-se os critérios adotados aos dados das entrevistas com os pais das crianças que apresentaram uma história de interrupção da escolaridade primária verifica-se que: 16,92 por cento delas se afastaram da escola e continuam afastadas e 83,08 por cento se evadiram da escola.

Os meninos e as meninas (igualmente representados nesse sub-grupo) que se **afastaram** da escola primária têm, em média, 10,63 anos de idade. A escolaridade dos pais dessas crianças não ultrapassa a do curso primário incompleto. A maioria deles nunca frequentou escola. A categoria de **status** do pai não é diferente daquela do grupo acima examinado. Todos os pais foram muito explícitos em manifestar interesse pela instrução dos filhos e o desejo de ver seus filhos com diploma do curso primário. Muito poucos tinham ou tiveram contato com a escola e nesse caso, em geral o pai, por ocasião da matrícula.

O rendimento escolar dessas crianças enquanto permaneceram na escola foi razoável embora alguns casos apresentem reprovações. Possivelmente as reprovações não foram mais numerosas porque em certos casos a criança frequentou a escola durante alguns meses apenas.

Dois motivos são apresentados com a mesma frequência para o afastamento: a escola muito distante da residência e, depois de um certo tempo a criança não quer mais ir à escola. Ao lado desses são apresentados como motivos: doença da criança (anemia), doença de uma pessoa da família. A doença quase sempre é causa de uma interrupção na vida escolar da criança que depois é prolongada até o ponto em que ela já não mais quer voltar (em geral porque não gostava da escola ou tinha dificuldade em aprender) e, ou a família se habituou com mais uma pessoa no trabalho e não pode dispensá-lo em casa.

Três casos de crianças com baixo nível de desenvolvimento intelectual e um caso de extrema imaturidade numa criança doente e deprimida são indicados nos resultados da prova psicológica. Portanto, nesse sub-grupo de afastados não gostar da escola, não querer mais ir à escola é realmente um motivo decisivo.

Do sub-grupo de **evadidos** deve-se separar oito casos de crianças que embora tenham abandonado a escola antes de terminar o curso concluíram a 3.ª série primária, a última série da escola que frequentavam na zona rural. Somente uma menina desse grupo vai ser mandada para a casa de parentes, na zona urbana do município, para completar o primário. Essa menina que planeja cursar o ginásio provém de uma família cuja categoria de status do pai é 4. Todas essas crianças interromperam seu curso por que não havia 4.ª série primária na escola que frequentavam. A escola que oferece o curso primário completo dista vários quilômetros da residência e a família não dispõe de condução. Com exceção dessa menina que retorna aos estudos todas as outras trabalham. Tanto os meninos quanto as meninas trabalham na lavoura.

A média de idade dos evadidos é de 13,10 anos. Cerca de setenta por cento desse sub-grupo é formado por meninas. A quase totalidade dessas crianças vivem com pai, mãe, e irmãos. Sobre essas famílias têm importância os seguintes dados: a média de idade do pai é de 45,76 anos e das mães é de 41,20 anos; cinquenta por cento dos cônjuges são analfabetos e os demais, com raras exceções, têm apenas alguns anos de escolaridade primária, isto é, em outras palavras, o curso primário incompleto.

A maioria dos pais (76,66 por cento) bem como vários outros membros da família incluindo a mãe trabalham na lavoura como empregados, meeiros ou terceiros. É essa a percentagem de pai cujo nível de categoria de status é 6. Os outros trabalham na lavoura como sítiantes (nível de categoria de status 4), mas também recrutam membros da família para ajudar nas várias etapas desse trabalho.

São em frases como as seguintes que esses pais exprimem o interesse que têm pela instrução dos filhos: "Todos nós em casa gosta que eles vão na escola, imagine só o que faz um homem sem documento hoje em dia"; "Eu até chorei (mãe) quando ele não queria ir na escola"; "Estudar é importante. Não saber nada é a pior coisa do mundo. Um filho que estuda não faz falta p'ro pai"; "Se eles tiver vontade de estudar eu não seguro. Se um filho falar — Papai, quero estudar, eu faço todo esforço necessário mas, também se não quer, obrigado não vai"; "Se a gente pudesse estudar eles p'ra não deixá na roça era melhor". O interesse existe sob a forma de um reconhecimento da necessidade de ter um diploma para ter melhor oportunidade de trabalho. No entanto, somente dois dos evadidos voltarão à escola: um menino de 13 anos frequentará um curso de alfabetização de adulto e outro de 11 anos de idade que irá residir na zona urbana do município em casa de parente a fim de concluir o curso primário.

Ao se examinar os motivos que determinaram a evasão da escola verifica-se que são outros os fatores que realmente ditam o comportamento dos pais e dos filhos nessa situação específica que é a de completar o curso primário.

Em cinquenta por cento dos casos o motivo determinante do abandono da escola e a conseqüente evasão é a necessidade que tem a família de dispor da criança como um elemento de trabalho. Não há nenhuma distinção quanto ao sexo. As meninas, em geral, trabalham na lavoura e em casa e os meninos, alguns em olaria e a maioria na lavoura. Outros motivos como: a escola muito distante da residência; doença ("nervoso", "anemia"); a criança não quis mais voltar à escola, determinaram a evasão das demais. Muito frequentemente, dois ou mais desses motivos combinados resultam no abandono definitivo da escola.

Apesar da predominância do motivo "necessidade que tem a família de contar com o trabalho do menor", não há, em geral nenhum problema para criança deixar a escola. Ao contrário, sair para trabalhar é considerado por muitas (deveria escrever

por quase todas) como mais agradável do que frequentar a escola. Preferir o trabalho à escola, não querer voltar à escola resulta sem dúvida não só das dificuldades que a criança experimentou desde os primeiros meses de trabalho escolar mas também das longas distâncias de ida e de volta à escola que devem muito frequentemente ser percorridas a pé e que se constituem num desafio para uma criança de físico debilitado pelas doenças e sub-nutrição.

Outros aspectos desse mesmo quadro de determinantes aparecem quando se verifica que apenas duas das crianças desse sub-grupo apresentavam bom rendimento no período que frequentaram a escola. A regra é quando muito rendimento sofrível e baixo. Reprovações são constantes nesse sub-grupo. Apreciable proporção (65,50 por cento) repetiu uma ou duas séries do curso primário, em outras palavras, repetiu pelo menos a primeira série do curso.

Da análise dos resultados da prova psicológica aplicada são relevantes, para o problema em estudo, os seguintes dados:

1. Apenas cerca de quinze por cento não demonstram, no desenho da figura humana, problemas de ajustamento.
2. Cerca de quarenta por cento apresentam baixo nível de desenvolvimento intelectual.
3. Em geral esse baixo nível só é um dos aspectos do desenvolvimento geral retardado que se apresenta dentro de um quadro mais amplo de desajustamento.
4. Graves problemas de personalidades, sérios problemas de relacionamento com o meio e desajustamentos sexuais caracterizam quinze por cento das crianças. São todos casos que reclamam assistência psicológica.
5. Agressividade, dependência, imaturidade, ansiedade, medos, insegurança são identificados na grande maioria dos protocolos das provas.

Esses dados são suficientemente claros e demonstram a presença de problemas psicológicos mais ou menos graves e que emprestam uma dimensão diferente mas não menos importante ao rol de fatores que determinam a evasão escolar na zona rural do município.

III

Provavelmente o quadro que esses dados compõem poderá ser encontrado com certas variantes em muitas cidades brasi-

leiras. Mas o intuito não é o de generalizar. O estudo foi planejado para analisar e especificar a situação de um município e nesse sentido os dados são limitados.

O censo escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura, em 1964, rescensou 22.417 crianças no município de Rio Claro. Dêse total 57,76 por cento eram crianças de 6 a 14 anos de idade. De acôrdo com os dados censitários 68,30 por cento das crianças dessa faixa etária frequentam escola primária enquanto que 18,52 por cento não a frequentam.

O levantamento da escolaridade realizado não incluiu 3.731 crianças do município das quais 52,17 por cento com idade variando entre 6 e 14 anos. Nessa amostra da população da cidade de Rio Claro 51,30 por cento das crianças dessa faixa de idade frequentam escola primária e 17,15 por cento não a frequentam. Apesar da diferença entre as percentagens das crianças que frequentam escola primária nos dois conjuntos de dados parece, por esta comparação, que a amostra estudada é suficientemente representativa nas suas proporções. Naturalmente o período de dois anos decorridos entre a coleta dos dados da pesquisa e o censo escolar não deixa de ser relevante quando se considera composição de população de indivíduos de uma faixa de idade como a estudada.

A representatibilidade da amostra estudada permite enfatizar a relevar os resultados da análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Um exame dos motivos apresentados pelos pais das crianças que se evadiram revela sem dúvida nenhuma que a necessidade de trabalhar e assim contribuir para o orçamento da família é dentre os motivos o mais frequente. Mas não deverá ser o único a ser considerado quando se procurar resolver o problema das crianças que deixam a escola primária sem terminar o curso.

Tão importante quanto êsse fator e não menos complexo é a decisão da criança de não querer continuar na escola. Na verdade êsse fator determina a maior número de casos de evasão das crianças que residem na zona urbana bem como é apontado como responsável por muitos dos casos de afastamento da escola de crianças da zona rural. Por quanto se trate, para essas crianças não querer mais ir numa escola, em geral muito distante de casa o que a obriga a um exercício acima de suas capacidades físicas e, para aquelas, de não querer mais ir na escola porque já se sentem muito velhas, essa informação repetida por muitos pais e confirmada pela criança mostra que a es-

cola não lhes oferece as condições para aprender. A escola vista através da experiência da criança é antes um lugar onde é reprovada, onde é obrigada a apresentar "lições de casa" que ela é incapaz de fazer sozinho (e frequentemente não tem que a ajude) e no qual ela pouco aprende. A escola, para essa criança é aversiva. Faltar às aulas, não aprender, fugir da escola, preferir trabalhar durante todo o dia a estudar, ter medo da escola e da professora, desobedecer, brigar com os colegas e em casa, ser indisciplinada, são todos comportamentos de fuga e de esquivia diante da situação aversiva.

A escola será tanto mais aversiva quanto maiores e mais numerosas forem as dificuldades que a criança nela experimentar. E assim a reprovação que numa hipótese apenas aceitável deveria ser considerada exceção e que passou a ser regra na vida escolar é outra forma de controle aversivo. Aqui caberiam muitas das considerações feitas sobre a reprovação na escola primária por D. H. DE SOUZA CAMPOS⁽¹⁴⁾.

Essa escola primária está distante da família muito mais do que a distância geográfica indica. Em geral a família não tem uma herança educacional para doar aos filhos e por isso compreensão e confiança entre a escola e a família não existem para amparar a criança. Assim quando as dificuldades aumentam para esta, a família não é capaz de interferir e manter a criança na escola mesmo contra sua vontade.

Considerando o baixo nível de desenvolvimento e os problemas de personalidade que muitas das crianças evadidas apresentam parece que o desajustamento tem dois aspectos interrelacionados: a escola não é adequada à criança e nem sempre a criança é adequada à escola. O levantamento da rede escolar do município de Rio Claro realizado na mesma ocasião em que se colheram os dados desta pesquisa mostrou que na zona urbana do município existe uma escola especializada com quatro classes para ensino de débeis mentais. Os que não têm êsse nível de deficiência mas têm dificuldades em acompanhar a "escola comum" não encontram classes de ensino especializado principalmente na zona rural do município.

Envolvendo essa gama de fatores interrelacionados a solução do problema da evasão escolar depende da atenção e solu-

(14) SOUZA CAMPOS, D. H. — *Que fatores são responsáveis pela renovação na escola primária brasileira?* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, 1960 (especialmente págs. 9-10).

SUMMARY

MARTUSCELLI BORI, Carolina — FACTORS RESPONSABLES FOR "ESCAPE" FROM ELEMENTARY SCHOOL: A RESEARCH UNDERTAKEN IN RIO CLARO CITY.

The research here reported had the purpose of investigating the factors that lead students from 7 to 14 years old to leave elementary school before finishing the course. In a first phase we proceeded a survey of children scholarship (from 7 to 14 years old) in the whole municipality of Rio Claro. With these elements in hand it was possible to establish the criteria for distinguishing in evasion cases of temporary leaving and cases of school escape. Children that were not attending school for more than 2 years (cases of escape) and those who had not enrolled and were away from the school in that year (cases of evasion) as well as those who had never attended school, constituted the subject matter in the second phase of the research. Taking in account the data from the interview made with the parents and a psychological test applied to the children, a series of factors are presented as determinants of school escape.

Estudo sobre o Significado de Adjetivos Utilizados nas Escolas do Diferencial Semântico de C. OSGOOD

SILVIA T. MAURER LANE (*)

O Diferencial Semântico, técnica desenvolvida por C. Osgood e colab. permite medir o significado psicológico ou afetivo de conceitos; é definido em termos de um espaço, predominantemente tri-dimensional segundo o qual e através de escalas formadas por adjetivos bi-polares (opostos) (que representam as diferentes dimensões deste espaço) podemos detectar o significado psicológico que Ss. atribuem a conceitos propostos.

O espaço semântico foi definido a partir de estudos realizados em diferentes idiomas, através da obtenção de qualificadores (adjetivos) para 100 diferentes conceitos (substantivos). Os adjetivos mais produtivos e diferenciados, juntamente com seus opostos, formaram as 50 escalas através das quais 100 sujeitos, avaliavam 100 conceitos. As respostas foram submetidas a análises fatoriais que detectaram três fatores predominantes, os quais, de acordo com as escalas que se mostraram saturadas destes fatores, foram denominados de fator ou dimensão Valorativa, fator ou dimensão de Potência e fator ou dimensão de Atividade.

Examinando as escalas que compõem os fatores encontrados em diferentes idiomas, e as discussões sobre resultados encontrados em diferentes trabalhos, notamos que a dimensão Valorativa se caracteriza por escalas nitidamente definidas e precisas, enquanto os fatores II (Potência) e III (Atividade), não

(*) Psicóloga do Departamento de Pesquisa do Instituto de Psicologia da PUCSP.